



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

TEMPO GEOGRÁFICO: UM CALEIDOSCÓPIO DA SIMULTANEIDADE

*GEOGRAPHICAL TIME:
A KALEIDOSCOPE OF SIMULTANEITY*

(Recebido em 22-09-2020; Aceito em 15-09-2021)

Jahan Natanael Domingos Lopes

Graduando em Licenciatura e Bacharelado em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas –
Campinas, Brasil
jahan_natanael@hotmail.com

Resumo

Na perspectiva do Tempo geográfico, concebeu-o pela simultaneidade. Para tanto, a análise se conduziu a partir da simultaneidade de estrutura sincro-diacrônica na correlação (espaço-tempo). A partir da síntese, promovida pelas relações, concebeu-se o Espaço relacional (em momentos relacionais) em Tempo espacializado e o Espaço relativo (em momentos relativos) em Espaço temporalizado. Na unidade do todo do momento, tem-se as relações sincro-diacrônicas que permitem uma geografia universal pela sistêmica-serial. Acrescenta-se também a questão da geohistória colocada como o estudo de um momento distinto do momento privilegiado da geografia: o presente. Ainda, perspectivou: os lugares-locais (intencionais-alienados), as regiões pela permanência (formais) e repartições (funcionais), os territórios em simultaneidade relacional e, também, as paisagens por próprias-vinculadas. Também, concebe-se os tempos relativo aos relacionais: os tempos curtos (tempo histórico) e os tempos longos (tempo geológico) amalgamados pelos processos. Ainda, o todo do momento possibilita que os momentos relacionais se anexem em sistemas (horizontalidade) e séries (verticalidade) de singularidades. Assim, concebe-se ao caleidoscópico Tempo geográfico a sincro-diacrônica e a sistêmica-serial, no todo do momento.

Palavras-chave: Pensamento geográfico; Geografia histórica; Espaço-tempo; Momento.

Abstract

From the perspective of Geographic Time, he conceived it by concurrency. To this end, the analysis was conducted from the simultaneity of synchro-diachronic structure in the correlation (space-time). From the synthesis, promoted by relationships, Relational Space was conceived (in relational moments) in Spatialized Time and Relational Space was conceived (in relational moments) in Spatialized Time. In the unity of the whole of the moment, there are synchro-diachronic relationships that allow a universal geography by the systemic-serial. It is also added the question of geohistory posed as the study of a moment distinct from the privileged moment of geography: the present. Furthermore, he perspectia: local places (intentional-alienated), regions by permanence (formal) and

distributions (functional), territories in relational concurrency and also the landscapes by themselves-linked. Also, we conceive the times related to relational: the short times (historical time) and the long times (geological time) amalgamated by the processes. Furthermore, the whole of the moment allows the relational moments to be added to systems (horizontality) and series (verticality) of singularities. Thus, the kaleidoscopic geographic time is conceived the synchro-diachronic and the systemic-serial, at the whole of the moment.

Key words: Geographical thinking; Historical geography; Space-time; Moment.

Introdução

O desenvolvimento de campos muito especializados como a geomorfologia ou a climatologia dinâmica é mais rápido do que o das abordagens sintéticas: isto contribui para fazer da geografia um caleidoscópio onde é fácil perdermo-nos, o que é criticado pelos investigadores de outras disciplinas.

(CLAVAL, 2015, p. 84)

A geografia é uma ciência que, como dito por Moraes (2007, p. 31), desde Kant é dita como uma construção de uma “síntese de todas as ciências”. Contudo, mesmo que possa parecer uma tragédia geográfica, ao risco de ser diluída ao nome de outras ciências, há que se adentrar no conceito enfrentado: a síntese. Há uma faceta importante para se destacar sobre o modo como a geografia trata essa operação: através das relações. Isso cabe, a partir de George (1972, p. 14) sobre a utilidade dos mapas, a concepção de que: “Só possuem caráter geográfico os que exprimem relações, o que supõe o conhecimento do espaço a partir de diversos setores de análise”. As relações espacializadas ofertam, pois, a síntese na permissiva analítica dos elementos.

Observa-se, inclusive, que esse tema é uma linha já tateada por Harvey (1973, p. 13) ao passo primeiro de que: “A concepção de espaço relativo propõe que ele seja compreendido como uma relação entre objetos que existe pelo próprio fato de os objetos existirem e se relacionarem.” Isso, pois, afere ao autor uma compreensão ainda mais tecida que acopla a relação adentro do relativo: “Existe outro sentido em que o espaço pode ser concebido como relativo e eu proponho chamá-lo espaço relacional [...] à maneira de Leibniz, como estando contido em objetos [...] que contém e representa em si mesmo as relações com outros objetos.” (ibidem, p. 13). Dessa forma, a síntese relacional das relações afere que os elementos são orientados e, assim, faz-se diferença a escolha de algum (ou conjunto) objeto para compreender a espacialidade. O Espaço relacional, assim, advém do Espaço relativo, ou seja, pensar em um observador ou mesmo um objeto de referência é necessário para se aventurais nas relações-relativas espaciais.

Nesse horizonte de síntese e relações que se instauram nas questões do Espaço, deve-se acrescentar, a partir de Aristóteles (2011, p. 44) que, “Como o tempo, é o espaço, portanto, contínuo: suas partes se reúnem numa fronteira comum”. Essa é a perspectiva acatada por Santos (2014, p. 36)

afirmando, inclusive, que “A noção de espaço é assim inseparável da ideia de sistemas de tempo”. Assim, para se compreenderem as sínteses e relações deve-se conduzir uma discussão que permeia não só o Espaço, mas também o Tempo, pois são categorias que pedem uma discussão correlacionada – nota-se que as palavras iniciadas com maiúsculas, no decorrer do trabalho, designam categorias enquanto as minúsculas remetem a conceitos. Agora, então, concebe-se as correlações, essas, então, firmadas pelo interligar do espaço-tempo.

Ao concentrar-se no caleidoscópio espacial e, também, temporal, percebe-se que as correlações, encontram-se analisadas a partir de um tempo espacializado. Isso se averigua em autores distintos, isto é, tanto Santos (2012, p. 9) ao conceber que “o espaço é acumulação desigual de tempos” assim como Dardel (2011, p. 39-40) afirmando que “Temporalização de nosso ambiente terrestre, espacialização de nossa finitude, a geografia se dirige, além do saber e da inteligência, ao próprio homem como pessoa e sujeito.” Tem-se ambos espacializando a temporalidade, o primeiro de forma muito mais relativa e o segundo de forma mais relacional. Contudo, para o avanço do pensamento geográfico, propondo aqui a discussão do trabalho, dever-se-á abrir, inclusive, um Espaço temporalizado. Para tanto, é preciso elucidar não só o Tempo do Espaço geográfico, mas também o Espaço do Tempo geográfico.

Observando a seguinte frase de Santos (2014, p. 19-20) – “as expressões homem, firma, instituição, suporte ecológico, infraestrutura somente podem ser entendidas à luz da sua História e do presente” – deve-se atentar acerca de sua metodologia dentro da sentença. Encontra-se uma divisão que primeiro afirma sobre a História e depois sobre o presente. Assim, englobam-se dois estudos: um que temporaliza (analisando o passado até então) e outro que compreende todos os conceitos trabalhando. O conceito de “presente” acaba sendo um resultado simultâneo dos passados que se conduziram pela história, sendo a configuração de todas as relações em uma síntese temporal. Dá-se, ainda, pelos conceitos exemplificados aspectos relacionais, para o partir unitário ou conjunto compreender a temporalidade da espacialidade.

Assim, caminha-se ao passo de “cada lugar sendo uma combinação de variáveis de idades diferentes” (SANTOS, 2014, p. 24) – uma diferenciação de Tempo espacializado – e também a percepção de que “O mais pequeno lugar, na mais distante fração do território, tem, hoje, relações diretas ou indiretas com outros lugares de onde vêm matéria-prima, capital, mão-de-obra, recursos diversos e ordens” (SANTOS, 2014, p. 25) – um Espaço temporalizado. A sutil “relação” conduz uma relação temporal da espacialidade, assim como a marcação temporal evidenciou a relação espacial da temporalidade. Melhor analisando, há, no primeiro caso, as singularidades, um lugar e seu passado,

enquanto no segundo, uma correlação (espaço-tempo); esta cuja síntese correlata se dá pela sua simultaneidade propriamente espacial.

Logo, o tempo da simultaneidade realiza o Tempo geográfico, afinal, Santos (2014, p. 32) deixa clara a funcionalidade do tempo histórico na geografia, “não é uma volta ao passado como dado autônomo na pesquisa, mas como maneira de entender e definir o presente em vias de se fazer (o presente já completado pertence ao domínio do passado)”. Perpassa-se, assim, o simultâneo como a própria tessitura temporal do espaço, rumo ao Espaço em sua possibilidade de síntese e, ademais, de conexão entre as relações onde o relativo garante a própria situacionalidades a algo ou alguém, inclusive conjuntos, que podem ser mesclados. O tempo passado, pois, tem sua importância ao tempo presente, isso não afere que o segundo é mais importante que o primeiro, pelo contrário, torna necessária à correlação.

Ainda na analítica de base em Santos (2014, p. 37) a fim de conduzir esse pensamento, denota-se que: “O espaço é o resultado da geografização de um conjunto de variáveis, de sua interação localizada, e não dos efeitos de uma variável isolada”. Essa geografização, sem dúvidas, é a do próprio tempo espacializado. Deste modo, deve-se pensar sobre como se realiza a geografia da simultaneidade. Essa geografização, sem dúvidas, é a do próprio tempo espacializado que fundamenta a própria possibilidade. A simultaneidade das variáveis demonstra mais que uma diacronia (que sozinha não é suficiente para dar unidade a espacialidade), mas a sincronia da diacronia, em uma ligação “sincro-diacrônica”, que é o que se compreende ao Tempo geográfico (LÉVI-STRAUSS, 1966, p. 164). Dessa forma, pulula-se uma unidade híbrida, embora distinguível em suas posições frente a simultaneidade.

À guisa de construção, tentar-se-á melhor se compreender o termo “simultâneo”. Etimologicamente, advém do latim *simultaneus* que significa “ao mesmo tempo” e tem uma condição para sua realização. Segundo Einstein (2015, p. 39), “a simultaneidade é relativa”. Apresenta-se, pois, afora, a relatividade enquanto necessária. Dessa forma, deve-se haver um referencial inercial para essa possibilidade e, com isso, pode-se traçar o próprio Espaço como o substrato do qual se dispersará a relação dos lugares com suas temporalidades desiguais: ou seja, um Espaço temporalizado em uma síntese de relações de lugares, paisagens, territórios e regiões – todas as existentes: tanto coexistentes quanto, por vezes, sobrepostas – em uma simultaneidade espacial. Assim, ao passo de George (1969, p. 51, destaque do autor), caminha-se na “tendência de ver no tempo geográfico um *momento* passível de ser descrito como um estado”. Afigura-se, portanto, que a temporalidade da espacialidade é relativa aos momentos, que são unidades do Tempo geográfico.

No trânsito, agora, de interagir o tempo histórico e o tempo geográfico, há uma valiosa e curiosa fala apresentada por Berdoulay (2017, p. 157) que “Drapeyron então se beneficiava – ao menos no começo de sua carreira – dos favores de Duruy. Os dois homens concordavam em considerar a geografia “a metade da história” – mas, a “primeira metade”, segundo Drapeyron”. Pode-se perceber o tempo sequencializado, de acontecimentos antecessores e posteriores, é uma parte importante da História, mas que sem compreender as relações simultâneas – independente o momento – não haveria uma análise consistente, haja vista o carecer da síntese. O elogio à geografia é compreensivo, afinal, como já disse La Blache (1913, p. 229, tradução nossa), “O que a geografia, em troca do auxílio que recebe das outras ciências, pode trazer ao tesouro comum é a capacidade de não fragmentar o que a natureza reúne, de compreender a correspondência e correlação de fatos”. Para tanto, o caleidoscópio geográfico começa a ganhar uma melhor ordenação devido ao conceito de simultaneidade.

Iniciou-se, portanto, o percurso acerca da categoria aberta: Tempo geográfico. Percebeu-se, por ora, que está intrinsecamente ligada com a noção de síntese espacial de análise temporal; conforme a simultaneidade permite alçar de modo sincro-diacrônico. A síntese que compreende as relações afere a correlação espaço-tempo e, ademais, elas aludem tanto ao Espaço relacional quanto o Espaço relativo, podendo esse segundo ser, inclusive, de maior destaque que o primeiro, haja vista sua importância para a orientação dos objetos ou indivíduos (quer sejam em conjuntos ou coletivos). Com isso, encaminhar-se-á a discussão desse Espaço temporalizado de forma a entender, ainda mais, sua dinâmica. Seguir-se-á, então, rumo a compreensão do momento em suas classificações e, mais afundo, mergulhar-se-á no momento em suas entranhas.

O todo do momento

Pois a pesquisa empreendida pelo geógrafo não encontra justificação justamente no fato de ela se apresentar aqui como a única capaz de reunir todos os fios da trama de uma situação, desde os fatores fisiográficos, as endemias, as estruturas sociais e mentais, até as ambiguidades da descolonização através da economia, da demografia, da tecnologia?
(GEORGE, 1972, p. 39-40)

Nessa trama simultânea dos momentos existente no Espaço, faz-se fluído construir algumas definições básicas para prosseguir o pensamento rumo a compreensão do momento geográfico. Para recuperar a concepção de tempo a fim de chegar em “momento” e geografizá-lo, é salutar lembrar-se de Aristóteles (2011, p. 44) que: “O tempo é um todo e contínuo: o presente o passado e o futuro estão vinculados”. Disso, atenta-se, sobretudo que: “Um período de tempo não é, também, mais tempo do que um outro” (ibidem, p. 50). Com essa noção de tempo já pode-se começar a encaminhar a ideia de que falar de presente é estabelecer essa dada temporalidade em sua totalidade espacial. Porém, em

qualquer um dos momentos – que já foram presente, ou são, realizando-se, no próprio presente – pode-se fixar um momento entre eles e se propor a estudá-lo. O estudo da totalidade do momento afere a seus acontecimentos na simultaneidade da totalidade espacial. Nisso, como princípio básico, fundamenta-se a geohistória (LACOSTE, 1989). Conforme, pois, assenta-se o momento, a estrutura sincro-diacrônica deve vir à tona para espacializar os elementos adentro.

O Tempo geográfico constrói-se, então, no momento. A história dos momentos é geográfica, contudo, cada momento geográfico estabelece-se como qualquer outro no tempo histórico. Encaminha-se, dessa forma, no que concerne aos elementos do Espaço: “Num dado tempo, num momento discreto, esses ingredientes analíticos podem ser vistos em termos de forma, função e estrutura. Mas, ao longo do tempo, deve-se acrescentar a ideia de processo, agindo e reagindo sobre os conteúdos desse espaço” (SANTOS, 2014, p. 70). Nessa compreensão, existe uma interessante reiteração desse comportamento do geográfico que necessita de uma categoria que marque estritamente o temporal, esta sendo o “processo.” Assim, o processo interliga os momentos, é tempo, porque é simultaneidade diacrônica na interação sincrônica.

O autor também concebe que, “A história é uma totalidade em movimento, um processo dinâmico cujas partes colidem continuamente para produzir cada novo momento” (SANTOS, 2014, p. 71). Nota-se que “momento” no singular é o tempo da simultaneidade, fruto do tempo histórico que dinamiza o movimento. Assim, pode-se situar o filósofo aristotélico Al-Fārābī (2011, p. 36) definindo o movimento ao que “é uma saída do que é em potência ao ato”. A potência liga as categorias miltonianas em um Tempo geográfico, mas que, pelo processo, encaminham os atos no tempo histórico entranhando a diacronia; tanto relativas ao devir do passado quanto ao porvir do futuro.

Reiterando o momento unidade do Tempo geográfico, Santos (2014, p. 92) responde uma questão sobre “a totalidade segundo um critério horizontal, geográfico”; ele diz: “de um ponto de vista dinâmico, a tarefa é impossível, pois as mudanças funcionais conduzem geralmente a que os limites historicamente reais de cada subespaço estejam sempre mudando. Todavia, tomando um ponto no tempo, o problema pode ser obviado.” Isso assenta-se nas possibilidades de estudo geográfico a configuração dos momentos, mas, enquanto relacionados em um Espaço relacional (como atestou Harvey), a seleção de um momento como referência para o Espaço relativo resolve questões que possam emperrar a consistência geohistórica.

Nas ideias até aqui conduzidas: percebe-se que o Tempo geográfico é o tempo da simultaneidade sincro-diacrônica, relativa e relacional, e seu elemento temporal é o momento. Na distinção da escala temporal dos momentos, pode-se afigurar tanto o tempo histórico (relacional) em tempos curtos (relativo) e tempo geológico (relacional) em tempos longos (relativo). Ainda, ao Tempo

geográfico, estabelecem-se as conexões entre os momentos pela categoria: processo; tanto nas relações dos momentos quanto a partir de um momento relativo, a partir dele, compreender os processos que desencadeiam, da potência rumo ao ato quando concretizado o movimento.

Pode-se pensar que ao se analisar um momento passado evoca-se justamente a concepção de geohistória, sendo que, “na obra de Fernand Braudel trata-se da geografia histórica, uma geografia (como ele diz) que não é ‘um fim em si’, mas um ‘meio’ que permite, ao historiador, compreender melhor as situações e as evoluções passados [...] seria principalmente uma geografia das permanências e das repartições” (LACOSTE, 1989, p. 176). Configura-se, pois, que a simultaneidade se elucida: em relações de permanências, das formas espaciais na síntese e as relações de repetição, nos disformes espaciais na síntese. As permanências e repartições tanto a nível das entranhas de um momento, quanto, em menores escalas de tempo (em durações maiores), pode-se pensar nas relações dos momentos: em suas diferencialidades de sucessão coexistentes em permanências, assim como em suas coexistências sucessivas em repartições. Aqui, pois, sustenta o que se pode entender por temporalidade regional.

Compreender o momento é, então, uma das facetas que a geografia temporal permite construir. Nisso, o presente é um momento privilegiado, mas não é o único passível de ser analisado, construindo verdadeiras tramas de momentos. Contudo, deve-se melhor embrenhar no momento em seu transpassar pelos tempos: histórico e geológico. Comporta-se, assim, que a totalidade dos momentos define-se: em escalas curtas o histórico e escalas longas o geológico, dados em simultaneidade, em permanências e repartições. Outrossim, questiona-se se a totalidade do Tempo geográfico é essa totalidade dos momentos ou os momentos em sua totalidade?

Para conduzir uma resposta é interessante remontarem-se conceitos, primeiro de Tuan (1983, p. 160) de lar: “um lugar em que cada dia é multiplicado por todos os dias anteriores”; segundo o de Santos (2014, p. 75) de rugosidade: “formas remanescentes dos períodos anteriores”; terceiro por Morineau (1989, p. 54) de antecedência “reaparecimento de um antigo relevo depois de afastar-se o entulho dos sentimentos depositados sobre uma superfície submersa de erosão”. Nota-se que adentro do momento esses conceitos (como lar, rugosidade e antecedência) estão intrinsecamente ligados ao acoplamento de outros momentos relacionais amalgamados no momento relativo. Com isso, percebe-se que tanto o tempo histórico quanto o tempo geológico estão contido no Tempo geográfico, haja vista possuírem a mesma construção de simultaneidade sincro-diacrônica na correlação espaço-tempo.

Os momentos relacionais se somam no momento relativo, formando a síntese do Espaço correlativo, ou seja, interligando o espacial e o temporal em processos de escalaridades diferenciais. Contudo, resta configurar que o tempo tanto histórico quanto geológico acabam por ser a interligação

na correlação entre um momento e outro, tecendo uma densidade de momentos relacionais que se embrenham no momento relativo. Conclui-se, assim, que o tempo histórico é configurado como movimento do processo histórico e o tempo geológico como movimento do processo geológico, sendo que ambos estão contidos no Tempo geográfico e se relacionam na síntese de um momento, isto é, não há momento curto ou longo, mas o Tempo do momento – o qual é correlativo espaço-tempo (uma dual parcela) – é a parcela discriminável, contudo o Espaço ainda se mantém em força sintética dos tempos.

Quanto ao momento presente, de posição privilegiada na geografia, tem-se, em aprofundar, que: “A acumulação do tempo histórico permite-nos compreender a atual organização espacial” (SANTOS, 2014, p. 72). O “atual” condiciona um dado momento relativo, sendo percebido enquanto “nó” da “rede” de momentos na construção do Tempo geográfico. Nesse atual, percebe-se que o tempo histórico que tem a função de conectar os momentos, produzindo uma estrutura cuja forma é o próprio Tempo dinamizado pelos processos (do devir ao porvir) no momento geográfico.

Dessarte, sustenta-se que a geografia permite um estudo do momento em suas relações sintético-analíticas, em abertura de verdadeiras constelações de dos lugares em sistematização, dadas em simultaneidade. Ultrapassa-se, assim, a ciência histórica, fundamentando uma análise que carece à História, conforme os historiadores caminham “a favor de uma reunião de diversos fatores agindo simultaneamente, em geral de modo a cruzar sobre os acontecimentos – econômicos, em nossa perspectiva; sociais e/ou políticos, numa perspectiva deslocada e/ou ampliada” (MORINEAU, 1989, p. 53). No entanto: “Introduziu-se entre os historiadores o costume de encarar a conjuntura mais como fluxo diacrônico do que como a constelação de um momento” (ibidem, p. 53). É-se na geografia, pelo momento sincro-diacrônico, estabelecido uma simultaneidade *lato* da histórica, com atributos tantos naturais quanto humanos.

Para compactuar com essas conjunturas, pode-se ler, quanto ao historiador, que: “O alargamento e o aprofundamento que ambiciona para a história, ele busca-os não do lado do sentido racional, mas antes do lado da complexidade, da riqueza das conexões entre o geográfico, o econômico, o social, o cultural” (RICŒUR, 1968, p. 38). Logo, o Tempo histórico está nas interligações da síntese de relações, enquanto o Tempo geográfico é a própria síntese, a racionalidade da complexidade. Ainda com Ricœur (1968, p. 43), atenta-se que “o aspecto estrutural da história, entre os personagens que passam e as forças de evolução lenta, e até em formas estáveis do ambiente geográfico [...] Lembra ao historiador que a justificação de sua empresa é o homem”. A geografia anexa, também, a natureza ao homem, porque o momento é um todo espacial e que sistematiza diferentes tempos (históricos, curtos e geológicos, longos).

Cabe aqui dizer que justifica a geografia estudar, por exemplo, tanto a geomorfologia quanto a geografia urbana: afinal, ambas se encontram no todo do momento. Ainda nesses exemplos, quanto ao movimento construído pelos momentos relacionais, a primeira possui processos (endógenos e exógenos) de tempo geológico e a segunda processos (econômicos, políticos, sociais) em tempo histórico. Fala-se muito em tempo histórico na geografia, haja vista nele estar a presença da humanidade, condizente com a geografia humana, todavia nunca se deve perder o tempo geológico para discutir a geografia natural; seria pendular para a dicotomia do histórico que, por vezes, acorrenta-se na diacronia rumo a um simplista sincronia. A construção sincro-diacrônica sustenta a geografia como um todo no momento, enquanto momento relativo, permite-se: da humana-natural (o tempo curto ao longo) à natural-humana (no tempo longo ao curto). O Tempo geográfico não é humano ou natural, ele é sintético-analítico do todo do momento.

No até aqui analisado, percebe-se o Tempo geográfico em uma proposição de um “todo do momento” em que momentos relacionais aliam-se pelo tempo histórico e geológico. A partir disso, pode-se pensar as regiões, ao passo que: “Uma região é, na verdade, o *locus* de determinadas funções da sociedade total em um momento dado” (SANTOS, 2014, p. 89). Com isso, percebe-se que a simultaneidade do Tempo geográfico pode ser acoplada em conjuntos regionais sincro-diacrônicos. O momento não constrói movimento, mas concretiza potência relativa para os atos relacionais. Conclui-se, assim, que se pode pensar tanto nos momentos que remontam à formação de minérios em um tempo geológico e até nos momentos realizando as revoluções históricas em tempo histórico, o que se constrói, nas regiões, em somas de momentos em série instauram as permanências (regiões formais) e repartições (regiões funcionais). O todo do momento permite os atributos que concebem a região na simultaneidade da semelhança, quer seja histórica ou geológica.

Nesse trabalho de escalas, além do regional que concentra a análise espacial, caminha-se ao território que também sistematiza na simultaneidade. Quanto a totalidade espacial, compreende-se que: “O espaço, como realidade, é uno e total. É por isso que a sociedade como um todo atribui, a cada um dos seus movimentos, um valor diferente a cada fração do território, seja qual for a escala da observação, e cada ponto do espaço é solidário dos demais, em todos momentos.” (SANTOS 2014, p. 85-86). Os momentos relacionais configuram o território na simultaneidade das repartições e permanências. Encontra-se, assim, a lógica que permite epistemologicamente fundamentar que: “a região existe como um quadro de referência na consciência das sociedades; o espaço ganha uma espessura, ou seja, ele é uma teia de significações de experiências; isto é, a região define um código social comum que tem uma base territorial” (GOMES, 1995, p. 67). Imbrica-se, assim, a região em uma base territorial, concordante com as tessituras dos momentos.

Observando, com ainda mais acurácia, convém melhor situar ao momento o lugar: “A situação de um lugar é, em um dado momento, um resultado dessa síntese, permanentemente feita e refeita” (SANTOS, 2014, p. 105). Percebe-se, novamente, a elucidação do Tempo geográfico como o todo do momento que se faz todo pela síntese de relações. Assim, a simultaneidade dos lugares orienta um complexo disforme, enquanto em um lugar têm-se privilégios, em outro, há a degradação humana, sendo que são indissociáveis as relações desses lugares. Os lugares formam um todo do momento, sendo o todo a síntese e o momento dos lugares a própria consciência, que é tempo: histórico e projetivo (LOPES, 2019). Ao nível do lugar, na intimidade para com as relações existenciais, permite-se sentenciar que: “Se não fossem os lugares não seríamos” (LOPES, 2019, p. 58). Os lugares são existentes e existenciais: históricos (pelas existências) ou geológicos (pelos existentes); lembrando que a existência é um modo privilegiado do existe, logo, estão em uma mesma fundamentação ontológica.

Neste passo chega-se à percepção de uma configuração geral do Tempo geográfico como o todo do momento, onde há relações – entre o relativo e o relacional – em tempos curtos (históricos) e tempos longos (geológicos) que no todo do momento, na simultaneidade sincro-diacrônica, relacionam o homem e a natureza. Ainda, os momentos são interligados pelos processos, concebendo o movimento geográfico. Logo, chega-se que o todo do momento é o próprio Espaço temporalizado, diferente do Tempo espacializado (a exemplo do lar, rugosidades e antecedências) que seriam singularidades em sua quantidade de momentos dentro do todo do momento.

A sistêmica-serial da singularidade

A situação do mundo, e mesmo de pequena parte do mundo, é algo de extremamente complexo e que depende de um grande número de elementos.
(POINCARÉ apud BERDOULAY, 2017, p. 209)

Aprofundando-se nas relações do Tempo geográfico, mais especificamente ao tempo histórico, será importante fazer uma análise ainda mais densa na internalidade que existe nesse conceito. Dessarte, sobre o tempo histórico, salienta-se que: “existe isto, e depois aquilo. É o “depois”, “e depois então”, “e depois ainda”, que faz com que haja história. [...] o sistema e a singularidade, representem uma certa supressão da história. Antes de mais nada, desde que haja sistema não há mais história.” (RICŒUR, 1968, p. 78). Com isso, na guia desses conceitos, extirpa-se o histórico rumo ao geográfico. O sistema das singularidades contempla na síntese geográfica seus bolsões, pelos lugares (singulares), territoriais e regionais.

Além de se reafirmar a história como pluralidade dos momentos em singularidades, fundamento dos processos do movimento geográfico, deve-se pensar também em suas limitações que

se dão ao Tempo histórico e se encontram no Tempo geográfico: sistematicidade e singularidade. Sem sair do momento, o raciocínio geográfico consegue reunir os dois conceitos: “cada elemento do espaço tem um valor diferente segundo o lugar em que se encontra” (SANTOS, 2014, p. 21). Base que, na síntese, permite se construir uma sistêmica. Nessa asserção percebe-se que as relações estabelecidas na síntese do momento acabam por elucidar uma sistêmica das singularidades – como já discutido a singularidade se dá pela soma dos momentos dispostos em cada lugar em Tempo espacializado – que no todo do momento correlativo é Espaço temporalizado.

Compreendendo a simultaneidade aberta, caminha-se a refletir as consequências ao partir de que: “O fato de que a cada momento nem todos os lugares são capazes de receber todas as modernizações” tem como reverberação: “1) certos espaços não são objeto de todas as modernizações; 2) existem demoras, defasagens, no aparecimento desta ou daquela variável moderna ou modernizante; e isto ocorre em diferentes escalas.” (SANTOS, 2014, p. 48). Por ser sistêmica, as singularidades na simultaneidade aferem tanto as relações de intencionalidades dos lugares (práticos) quanto de alienações locais (inertes) – na relação prático-inerte (SARTRE, 2002). Em uma escala de circuito produtivo, permite-se observar as diferenciações dos lugares em cada etapa do modo de produção, sendo que os locais alienados são subservientes aos intencionais que instruem os circuitos. A divisão internacional do trabalho é uma evidente relação sistêmica das singularidades na relação das intenções e das alienações.

Nessa relação que se acopla com a teoria histórica de Ricoeur (1968) e com as relações geográficas postas por Santos (2014), amarra-se o Tempo geográfico em sua concepção da simultaneidade do todo do momento na sistêmica das singularidades. Dessarte, uma crítica importante deve ser considerada: “O universo pós-moderno acabou com o *fetichismo* do tempo. Concede ao espaço uma atenção que lhe deveria ter sido dada há muito tempo.” (CLAVAL, 2015, p. 135, destaque do autor). De fato, o tempo tem sido colocado como subterfúgio da geografia, talvez por acreditar que o tempo se dá no antes ou depois e não na simultaneidade do momento. Ao contrário, o Espaço se torna – no mundo globalizado – uma sentença muito mais complexa, pois necessita não abandonar a temporalidade, ao contrário, melhora-la e, ainda, sustenta-la em um Espaço temporalizado. Sem o temporal não há movimento e, assim, o espacial define-se em uma simultaneidade estática ainda que prática. O Espaço já pressupõe ser correlato, isto é, espaço-tempo.

A sistematização sintética de relações construída no Tempo geográfico pode ser relacionada com Michelet (apud BERDOULARY, 2017, p. 214) em sua consideração sobre a História: “é útil colocar a atenção nas visões deste relacionadas ao ‘fato geográfico’ na história”. Concerne-se que o fato é justamente a sistemática que se constrói na simultaneidade do todo do momento, relacionando as

singularidades nos processos dos momentos relacionais se fazendo no momento relativo. O fato geográfico arranha nos lugares e locais as relações geográficas de prático-inerte. Assim, cada vez mais conciso se fica a categoria de Tempo geográfico, que, no que tange às construções feitas aqui, afigura que:

Ou seja, o tempo resultará da identidade imediata com uma particular síntese dos princípios geográficos, uma territorialidade particular. Isto é, uma dada organização espacial, em que uma suposta alteração qualitativo/quantitativa dessa síntese supõe sucessão, a negação da duração, a ruptura da hierarquia dos ritmos, a afirmação do tempo pela realização do movimento. Encontramos aqui o tempo geográfico (ou o tempo do geográfico). Isso significa reestruturar as relações entre os entes geográficos, implicando não só a modificação do ser de cada um, mas também a supressão eventual de algum deles dentro da ordem das coexistências. Tudo isso se dá de forma desigual entre os objetos. (MARTINS, 2020, p. 20).

De fato, a síntese geográfica se dá nas relações históricas, formando uma sistemática das singularidades. Ao se dinamizar os processos, interligando os momentos, concebe-se o movimento aloca-se no tempo histórico-geológico em seus atos processuais. O momento é que fornece as coexistências em sua simultaneidade de permanências e repartições, melhor dizendo, o Tempo geográfico no todo do momento é a totalidade correlata: o próprio espaço-tempo.

Perscruta-se, ainda, que: “O tempo geográfico inclui o ‘estudo da análise do curso de vida em diferentes escalas e envolvendo o mapeamento das trajetórias individuais [...] Com o movimento dos indivíduos plotados num eixo vertical de tempo e [...] eixo horizontal de espaço” (BUTLIN apud ERTHAL, 2003, p. 60). Consona-se com essa proposição imagética, afigurando o movimento como uma trama de temporal-vertical, evocando uma percepção de distribuição de momentos relacionais em Tempo espacializado, mas, também, relacionado ao espacial-horizontal rumo ao Espaço temporalizado de modo sincro-diacrônico.

Voltando à construção da sistematicidade da singularidade, elucida-se que a história é tida em uma “série contínua de momentos lógicos” (RICŒUR, 1968, p. 42). Outrossim, a partir de Marc Blonch (apud RICŒUR, 1968, p. 26), “não existe explicação sem constituição de ‘séries’ de fenômenos: série econômica, série política, série cultural, etc...”. Nota-se que, nessa leitura, que há uma série de fenômenos que se faz nos momentos relacionais. Acura-se, para evitar confusões, que a concepção de sistema concebe relações contínuas, enquanto série pressupõe relações discretas. Ainda assim, a simultaneidade se dá em ambas, formulando singularidades contínuas-sistêmicas ou discretas-seriais. Na distinção teórico-metodológica, a sistêmica permite mais facilidade nas amalgamas de conjuntos, enquanto a serial vislumbra fenomenologicamente um maior grau de redução distinguindo os aparecimentos. Fenômenos em sistema e fenômenos em série sustentam a espacialidade em, respectivamente, sua horizontalidade e sua verticalidade.

Ao todo do momento histórico, diacrônico, distinto o momento geográfico sincro-diacrônico; confere-se, ainda sim, uma importância sistêmica-serial, isto é, contemplando a simultaneidade suas séries (inertes e práticos), que fornecem uma sistêmica (prático-inerte) de modo a não serem opostas, mas diferentemente analisadas na síntese. Confere-se, na tarefa geohistórica, este papel:

É preciso, pois, que o historiador conheça os princípios fundamentais da arte de governar, o verdadeiro carácter dos **acontecimentos**, as diferenças que apresentam as nações, os países e os **tempos**, no que diz respeito aos costumes, aos usos, à conduta, às opiniões, aos sentimentos religiosos e à tódas as **circunstâncias** que exercem qualquer influência sobre a sociedade. **Deve êle saber o que no presente subsiste de tódas estas contingências para compará-lo com o passado** (KHALDUN, 1958, p. 67, grifos nosso).

Sobre o momento, subsistem todas as exigências e contingências, ele é a unidade da totalidade do Tempo geográfico. Ainda, pode-se acrescentar a partir de Ricœur (1968, p. 70) que “uma filosofia não é senão um momento; é por um decreto violento que eu a reduzo, que a cristalizoo num momento, cujo sentido se realiza fora dela”. Enquanto a filosofia se faz no momento, o autor situa “a história como o advento de um sentido” (ibidem, p. 40). Conota-se que assim a história fornece uma condição de sentido (pelos processos) que externaliza o momento, enquanto que a filosofia é a reflexão que internaliza o momento. Assim, o momento geográfico (sincro-diacrônico) sustenta sentido e reflexão. Nisso, como disse Estrabão (apud MORAES, 1984, p. 13): “Nós acreditamos que a Geografia, mais que qualquer outra ciência, é um trabalho de filósofo”. Assim, mesmo a geohistória afigura um trabalho histórico-filosófico. Ainda, acrescentando mais uma questão:

É preciso também dizer que a história universal não existe. Se existisse, ela seria o sistema e não seria mais história. Eis por que a ideia de história universal não pode ser senão um objeto, uma ideia da razão. Esse objeto preserva o historiador das civilizações de crer que existam ilhas incomunicáveis; desde que haja duas ilhas, penso nelas conjuntamente, num mesmo cosmos; eis por que haverá sempre a tarefa de buscar todas as totalidades parciais (RICŒUR, 1968, p. 80).

Com isso, compreende-se que a geografia pode sim ter uma faceta universal, não necessariamente idealista, mas pela sistemática-serial conectar as interligações correlacionais pela geografização. Hoje se é evidente o modo do universal geográfico, globalizado em fomentos de lugares intencionais e locais alienados. Podendo haver, inclusive, sobreposição de lugar-local em uma tessitura de ser intencional-alienado. Disso, afigura-se que o Tempo geográfico se atenta não somente as horizontalidades, mas, também, as verticalidades (SANTOS, 2017). O universal necessita das verticalidades em fins práticos, sobretudo para ser generoso com uma maior serialidade dando-a sistêmica. A educação é de disputa ímpar para usar a verticalidade contra o epistemícidio, de construção enfaticamente horizontal.

Exemplifica-se: a história e a geografia pautada em base eurocêntrica nos países periféricos é uma implantação originalmente de horizontalidade assentando locais alienados; outrossim, a disputa

atual com a verticalidade educacional, com a circulação de informações facilitada permite uma centelha de esperança de se concretizar a descolonialidade até para, quem sabe um dia, uma pós-colonialidade. Contudo, a luta atual dos meios de informação, parece os lugares intencionar uma alienação ainda mais intensa nos locais: no cerne das consciências. Sendo as consciências tempo, o capitalismo hoje devora não somente o Espaço, mas também o Tempo. Ataca sobretudo aos jovens em seus celulares ou professores em seus slides; assim, com as tecnologias da informação, pela serialidade na sistêmica de momentos, aferem em fatos geográficos a liberdade individual, consumindo-a. Logo, não seria de se estranhar, em uma globalização perversa, uma temporalização perversa (SANTOS, 2008). A esperança existe na correlação, mas, o Espaço produzido, agora próximo do absoluto, devora o Tempo produzido na base da consciência. É-se, pois, o humanismo cada vez mais necessário à somar o materialismo, na compreensão desta nova fase da consciência capital.

A geografia universal é sistêmica-serial – simultaneamente: vinculada e própria – dado o todo do momento que considera a totalidade na perspectiva das diferenças entre as totalidades parciais, mas em simultaneidade, gerando o vínculo inexorável de totalização: “O movimento da sociedade é sempre compreensivo, global, totalizado, mas a mudança ocorre a diferentes níveis e em diferentes tempos” assim “a economia, a política, as relações sociais, a paisagem e a cultura mudam constantemente, cada qual segundo uma velocidade e direção próprias – sempre, porém, inexoravelmente vinculadas umas às outras.” (SANTOS, 2014, p. 72). Dessarte, a simultaneidade encontra uma estrutura sincro-diacrônica do momento e se fundamenta na sistêmica-serial nas relações a constituírem a síntese.

Considerações finais

À guisa de construção, no devido trabalho, buscou-se uma análise que elucida o Tempo geográfico. Para tanto, destacou-se que a simultaneidade é a chave para relacionar o Tempo espacializado – cerne do tempo histórico e geológico em momentos relacionais – com o Espaço temporalizado – que se pauta no momento relacional. Atenta-se, assim, que a síntese geográfica se dá em relações e, essas, podem ser relacionais ou relativas (tanto ao Espaço quanto ao momento). O Tempo geográfico enquanto totalidade encontra no momento a sua unidade. Assim, concebeu-se a geohistória enquanto o estudo sintético-analítico do todo de um momento passado, em suas relações em síntese. Outrossim, atenta-se ao fato de que o momento privilegiado da geografia é o presente.

Nesta perspectiva, o Tempo geográfico é o giroscópio da simultaneidade no todo do momento (relativo) na interligação dos momentos (relacionais) pelos processos. O momento, tece-se, é uma estrutura sincro-diacrônica, fornecendo a unidade da correlação (espaço-tempo). A simultaneidade é

relativa e relacional ao passo sincro-diacrônico. É interessante ressaltar, também, que houve diferentes construções das relações espaciais em síntese, diferem-se: ao lugar e o local, cabendo relações existenciais prático-inertes de intenções e alienações; as regiões, discutidas pelas permanências (formais) e repartições (funcionais) de momentos relativos; os territórios, na simultaneidade dos momentos relacionais das repartições e permanências; e, por fim, as paisagens, próprias-vinculadas. Essa última condição, concebe à simultaneidade enquanto sistêmica-serial. Enquanto relação de horizontalidade sistêmica e verticalidade serial, tem-se pela sistêmica-serial a possibilidade de construção de uma geografia universal. Ainda, chegou-se em uma abertura para pensar o Espaço produzido e o Tempo produzido na correlação (espaço-tempo) do capitalismo da globalização-temporalização, deglutindo a consciência como modo de capital.

Por fim, é pertinente mencionar que, ao contrário da história que se sustenta de modo mais diacrônico, a geografia acaba por elaborar a sistematicidade das singularidades devido à simultaneidade no todo do momento sincro-diacrônico. Permite-se, pois, no momento, tanto o situar relativo aos tempos curtos (tempo histórico) quanto relativo aos tempos longos (tempo geológico). Neste complexo sintético-analítico, tem-se uma elaboração que permite auxiliar a percepção geográfica em suas facetas correlacionais (espaço-tempo); contudo, não se esgotaram as aberturas, permite-se, tão somente, no vislumbre, um encaminhar que inspire coragem às complexidades do geográfico-existencial.

Referências

- AL-FĀRĀBĪ. Respostas a questões sobre as quais foi indagado. In: ISKANDAR, Jamil. *Compreender A-Fārābī e Avicena*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. cap. Textos de Al-Fārābī, p. 21-76.
- ARISTÓTELES. *Categorias*. Trad. Edson Bini. 1. Ed. Bauru, SP: Editora Edipro, 2011.
- BERDOULAY, Vincent. *A escola francesa de Geografia: uma abordagem contextual*. Trad. Oswaldo Bueno Amorim Filho. 1. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- BUTLIN, R. A. Historical geographylzy in the second half of the twentieth century. In: *Historical geographylzy - throught the gates of space and time*. Edward Arnold, London, New York, Melbourne, Auckland, 44 – 72, 1993.
- CLAVAL, Paul. *História da geografia*. Lisboa (Portugal), Ed. Edições. 70, 2015.
- DARDEL, Éric. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- EINSTEIN, Albert. *A Teoria da Relatividade*. Porto Alegre: L&PM Pocket, v. 1186. 2015.
- ERTHAL, Rui. Geografia Histórica: considerações. *GEOgraphia*, Rio de Janeiro, v.5, n.9, p.29-39, 2003.
- GEORGE, Pierre. *Os Métodos da Geografia*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.
- GEORGE, Pierre. *Sociologia e geografia*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Forense, 1969.
- GOMES, Paulo. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Inês *et al.* *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 49-76.
- HARVEY, David. O espaço como palavra-chave. *EM PAUTA*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 35, p. 126 - 152, 1 set. 2015.

- HARVEY, David. *Social justice and the city*. Londres: Edward Arnold e Baltimore; John Hopkins University Press. 1973.
- KHALDUN, Ibn. *Os prolegômenos ou Filosofia Social*. Tradução e notas José Khoury & Angelina Bierrenbach Khoury. São Paulo: Safady Ltda, 1958. v. 1.
- LA BLACHE, Paul. Des caractères distinctifs de la géographie. *Annales de géographie*, n. 22, 1913. p. 289-299.
- LACOSTE, Yves *et al.* *Ler Braudel*. Campinas: Papirus, 1989.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1996.
- LOPES, Jahan. Complexo de Odisseu: uma geografia existencial do deslocar e do pertencer. São Paulo: *Boletim Paulista de Geografia*, nº. 102, dez. 2019, p. 48-62.
- MARTINS, E. R. Dimensões do geográfico: da quantidade à qualidade, do ente ao ser. *Geosp – Espaço e Tempo (On-line)*, v. 24, n. 1, p. 8-26, abr. 2020.
- MORAES, Antonio. *Geografia: pequena história crítica*. 21. ed., São Paulo: Annablume, 2007.
- MORAES, Antonio *et* COSTA, Wanderley. *A valorização do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1984.
- MORINEAU, Michel. Um grande projeto: civilização material, economia e capitalismo (do século XV ao XVIII). In: LACOSTE, Yves *et al.* *Ler Braudel*. Campinas: Papirus, 1989. p. 31-61.
- RICŒUR, Paul. *História e verdade*. Trad. Rio de Janeiro: Forense, 1968.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 9ª. ed. São Paulo: Ed. USP, 2017.
- SANTOS, Milton. *Espaço e método*. São Paulo: EDUSP, 2014.
- SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. 5ª. ed. São Paulo: Ed. USP, 2012.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 15. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2008.
- SARTRE, Jean-Paul. *Crítica da razão dialética: precedido por questões de método*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1983.